

Homofobia e Intolerância no Futebol: os comentários preconceituosos contra atletas homossexuais no Facebook¹

Luiz Fernando Rodrigues LEMES²
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

Este artigo pretende compreender como o discurso homofóbico se manifesta em comentários publicados na rede social Facebook da principal revista esportiva do Brasil, a Placar. Para isso, foram selecionadas três notícias datadas de 2013 e 2017 e 59 comentários dessas publicações. Utilizando a Análise de Conteúdo com categorias pré-determinados, verificou-se que mais de 83% dos comentários foram negativos em relação aos critérios de noticiabilidade adotados pelos veículos de comunicação, aos personagens das matérias, além de serem usados para ridicularizar times e adeptos de clubes rivais.

PALAVRAS-CHAVE: futebol; homofobia; homossexualidade masculina; rede social; torcidas.

INTRODUÇÃO

Prática pouco acolhedora para os homossexuais, o futebol se consolida como um espaço de homens para homens em que a virilidade acaba sendo a característica mais aceita pelos adeptos. Nesse sentido, qualquer ato de afeminação é visto como postura intolerável e um sinal de fraqueza que não deve ser apresentado aos olhos dos adversários. Esse cenário acaba sendo desafiador para atletas homossexuais que veem em sua capacidade técnica uma possibilidade de atuar profissionalmente, restando duas opções: submeter ao padrão heteronormativo imposto por grupos de poder no futebol ou desistir da profissão.

Os raros exemplos no mundo esportivo não deixam dúvidas sobre as dificuldades que esse grupo minoritário encontra ao buscar a aceitação na prática do futebol profissional. Alguns casos emblemáticos demonstram que a intolerância se transforma em mais um adversário para os homossexuais no exercício da profissão, como dos atletas que atuaram em Copas do Mundo, mas que decidiram falar sobre a

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2019.

² Mestre em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (PPGCOM-UFG), e-mail: luizfernando.bvg@gmail.com.

orientação sexual apenas quando encerraram a carreira, casos do meia alemão Thomas Hitzlsperger e do atacante francês Olivier Rouyer. Outros tiveram um final mais trágico, exemplo do atacante Justin Fashanu, que cometeu suicídio em 1998.

Além de buscar compreender como se constrói esse cenário de intolerâncias aos homossexuais masculinos no futebol, exemplificadas nos contextos citados acima, este artigo ainda faz parte de uma sequência de estudos desenvolvidos durante minha permanência no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG). Após apresentar um estudo com mais de 243 comentários analisados por meio da rede social Facebook em relação a uma notícia postada por um dos principais veículos de comunicação de Goiás, o jornal O Popular, em mais de 75% das mensagens apresentavam aspectos negativos e homofóbicos (LEMES; TEMER, 2018), surgiu a necessidade de analisar a repercussão de matérias que propõem o debate sobre a homossexualidade masculina no futebol em uma mídia nacional.

Diante dessa necessidade, este artigo busca compreender como os internautas se manifestaram nos comentários de publicações na página da rede social Facebook da revista Placar, a principal do segmento esportivo brasileiro. Foram selecionados posts que abordavam a homossexualidade masculina no futebol e os comentários foram categorizados por meio da análise de conteúdo. As postagens foram identificadas por meio do sistema de busca da própria rede social, disponível na página do veículo de comunicação, através da inserção das palavras-chave “homossexualidade” e “gay”. Ao todo, foram identificadas três publicações, sendo duas em 2013 e uma em 2017, totalizando 59 comentários.

Este trabalho busca dar prosseguimento às pesquisas relacionadas ao futebol e gênero. Integra uma sequência de estudos que envolvem a influência de diversos grupos na construção da heteronormatividade masculina no futebol, como torcedores, jornalistas, dirigentes e torcedores.

HETERONORMATIVIDADE MASCULINA NO FUTEBOL

Poucos atletas se aventuraram a admitir a homossexualidade no futebol. Atualmente, os principais destaques de jogadores que ainda estão em atividade são nomes estrangeiros, como os meio-campistas estadunidense do Minnesota United Collin Martin, e o sueco Anton Hysén. Outros decidiram abrir o jogo apenas quando estavam

no final da carreira ou após a aposentadoria, casos dos meio-campistas americanos David Testo e Robbie Rogers.

No Brasil, o cenário é ainda mais desanimador. Apenas dois jogadores assumiram a homossexualidade e, mesmo assim, não conseguiram integrar elencos de grandes clubes. O goleiro Jamerson da Costa, mais conhecido como Messi, foi o atleta homossexual que chegou mais longe na carreira, atuando em 2019 na primeira divisão do Campeonato Potiguar pelo Palmeira de Goianinha. O atacante Vilson Zwirtes, que assumiu a homossexualidade ainda na adolescência, teve carreira curta no futebol profissional, abandonando a profissão aos 30 anos devido às perseguições homofóbicas de dirigentes e torcedores. Desde então, o atleta passou a atuar apenas em competições amadoras.

Esses exemplos mostram que, por mais que se destacar no futebol seja uma tarefa difícil, para os homossexuais ela se torna ainda mais complexa. De acordo com Borillo (2010) a homofobia se constitui em um ato hostil e arbitrário que busca apresentar o próximo como inferior, rejeitando-o.

Dentro do contexto futebolístico, a homofobia se expressa ainda na caracterização do adversário como ser inferior ao utilizar atributos afeminados como dignas de reprovação no ambiente esportivo. Nesse sentido, aqueles que, mesmo não sendo homossexuais, mas possuindo características identificadas com esse grupo minoritário acabam sofrendo perseguições. O exemplo mais conhecido dessa situação é do ex-volante Richarlison, atleta que passou por grandes clubes, como São Paulo e Atlético Mineiro, além da Seleção Brasileira. Apesar desse currículo, Richarlison sofreu ataques preconceitos mesmo não afirmando ser homossexual.

O futebol ainda é vinculado a uma visão binária e dicotômica do mundo em que se mantém uma ideia hierárquica das fronteiras dos gêneros. De acordo com Coelho (2009), o esporte ainda não proporciona livre acesso aos seus espaços ao grupo LGBTQ e, diante de um cenário excludente, ainda contribui para a manutenção da hegemonia masculina.

O espaço do futebol, principalmente o das torcidas organizadas, funciona como a “casa dos homens” um ambiente de homens e para homens que constrói a masculinidade para os que estão “entrando” e, ao mesmo tempo, reforça a masculinidade entre os membros “veteranos”. Esse espaço viril exclui todos aqueles que insurgem contra a “virilidade triunfante” e a feminilidade em geral, configurando-se como um codificador de condutas masculinas. (COELHO, 2009, p. 87)

Portanto, os atletas, para serem aceitos, devem demonstrar características historicamente atribuídas aos homens, como coragem, destemor, ousadia e valentia. “É importante ser corajoso e masculino, destemido e masculino, ousado e masculino, honrado e masculino. No futebol a masculinidade é uma característica sempre importante e desejável para os jogadores” (BANDEIRA; SEFFNER, 2013, p. 251). Aos homossexuais é atribuída uma posição inferior, devendo se assujeitar aos padrões impostos pela masculinidade hegemônica.

De acordo com Archetti (2003), essa masculinidade hegemônica no futebol determina a forma “exitosa” de ser homem, possibilitando a hierarquização de outras masculinidades e a forma como elas se relacionam no espaço esportivo. Portanto, esse grupo de poder encontra outros agrupados ao seu redor, que são tomados como submissos e inferiorizados em relação ao homem verdadeiro (KIMMEL, 1998).

O homem, ao tentar evidenciar sua masculinidade, faz de maneira que seja percebida e reconhecida pelos seus pares, de forma que qualquer ação seja devidamente monitorada. “A virilidade tem que ser validada pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de ‘verdadeiros homens’” (BOURDIEU, 2012, p. 65).

Almeida e Soares (2012) ainda afirmam que a virilidade é um instrumento para manutenção da hegemonia masculina e de acesso ao campo de jogo, já que aqueles que não possuem esse atributo acabam sendo negados à prática futebolística. Diante de todo esse contexto, o cenário de aversão aos homossexuais no futebol passa a ser valorizado e visto como natural na modalidade esportiva.

O JORNALISMO ESPORTIVO E AS PRÁTICAS HOMOFÓBICAS

Assim como o futebol deve ser visto e promovido como um espaço de inclusão social, o jornalismo também tem sua função social, sendo que uma das principais responsabilidades é permitir a manifestação de diferentes tipos de vozes para reivindicar direitos. De acordo com Medeiros (2016, p. 223), “Quando a imprensa se recusa à pluralidade de fontes, acaba por desrespeitar os direitos humanos, infringindo mais especificamente o princípio ético de sempre ouvir o outro lado de um assunto polêmico”.

O jornalismo possui um duplo papel que é importante para a manutenção da cidadania: fornecimento de informações e espaço para que os cidadãos possam se manifestar (ABREU, 2003). Porém, no jornalismo esportivo, Bueno (2005) acaba apontando alguns equívocos que interferem diretamente na cobertura do esporte. O mais importante para este trabalho se refere ao fato de que os profissionais estão tão focados no que acontece dentro das quatro linhas que, aquilo que acontece ao redor, acaba passando despercebido, exceto quando foge da normalidade habitual das arquibancadas, tais como as cenas de violência. Repetidas inúmeras vezes, os gritos homofóbicos, por exemplo, acabam passando despercebidos pelos jornalistas esportivos.

Em algumas situações, o próprio jornalismo esportivo contribui para a manutenção da hegemonia heteronormativa masculina no futebol. De acordo com Araújo (2015), a derrota para a Alemanha na Copa do Mundo de 2014 por 7 a 1 em partida disputada no estádio Mineirão, em Belo Horizonte, fez com que jornalistas e torcedores culpassem a emotividade dos atletas pela pior derrota da Seleção Brasileira na principal competição futebolística. As matérias em jornais impressos e portais e os comentários em redes sociais associaram a atuação e o baixo rendimento dos atletas à sensibilidade e à feminilidade. Dessa forma, “as mulheres estão associadas à fraqueza, emotividade, descontrole, histeria, pequenez e irracionalidade”, e os homens à “disposição física, racionalidade, sobriedade, agressividade e grandeza” como características para superar as adversidades (ARAÚJO, 2015, p. 159).

Outro estudo realizado com 243 comentários de uma publicação nas redes sociais do jornal O Popular, de Goiânia, também demonstra casos de intolerância contra atletas e matérias jornalísticas sobre homossexuais. A pesquisa de Lemes e Temer (2018) apontou que 75,3% dos comentários na rede social do jornal possuíam aspectos negativos ou preconceituosos, contendo ofensas e injúrias contra os personagens da matéria e críticas quanto aos critérios de noticiabilidade utilizados pelo veículo de comunicação na escolha da matéria colocada em debate. Diante dessa repercussão regional, este artigo busca compreender se o mesmo fenômeno de ofensas aos homossexuais se repetiria em uma perspectiva nacional.

CAMINHO DA PESQUISA

Para fazer esta pesquisa, foi selecionada a principal revista destinada exclusivamente para a cobertura sobre futebol do Brasil, a Placar, fundada em 20 de

março de 1970. Cerca de 90% do público do veículo de comunicação é composto por homens, sendo que a maior parte de seus leitores, 27,3%, está na faixa dos 20 aos 29 anos. Atualmente, a circulação líquida da revista gira em torno de 15.635 exemplares com 12.236 assinaturas e 3.399 vendas avulsas³.

Para encontrar as publicações que abordassem a questão da homossexualidade masculina no futebol por meio de publicações na página da revista no Facebook, foi utilizado o sistema de buscas da própria rede social. Ao todo, foram identificadas três postagens. A primeira foi em 29 de março de 2013, quando a revista repercutiu a decisão do atleta Robbie Rogers em encerrar a carreira após assumir a homossexualidade. A segunda publicação data de 19 de agosto de 2013 e mostra a decisão do atleta estadunidense em reverter a aposentadoria e continuar jogando pelo Los Angeles Galaxy. Por fim, a terceira publicação aborda a Champions LiGay, campeonato disputado apenas com times compostos por atletas homossexuais.

Os 59 comentários coletados durante a pesquisa foram analisados de acordo com a Análise de Conteúdo proposto por Bardin (1977), em que os comentários foram selecionados e, posteriormente, divididos em categorias pré-determinadas, seguindo a mesma classificação utilizada na pesquisa sobre os comentários do jornal O Popular (LEMES; TEMER, 2018): comentários ofensivos aos atletas homossexuais (mensagens desdenhosas destinadas aos personagens da matéria), comentários sobre os critérios de noticiabilidade (trechos que destacam a importância ou inutilidade dos valores-notícias utilizados pelo veículo de comunicação pela perspectiva do internauta), comentários sobre times e adeptos de futebol profissional (mensagens com o objetivo de ofender e desdenhar dos torcedores adversários), comentários envolvendo política e religião e, por fim, comentários de “negação aparente” (categoria utilizada por DIJK (2015) para destacar comentários que buscam ressaltar características positivas do interlocutor, mas que na sequência há elementos carregados de termos preconceituosos).

Outras classificações apresentadas foram as divisões quanto ao sexo (masculino e feminino) e se o conteúdo continha aspectos positivos ou negativos em relação aos personagens da matéria e aos critérios de noticiabilidade adotados pelos veículos de comunicação. Nesta última classificação, foram considerados aspectos positivos aqueles destinados a valorizar a iniciativa dos atletas em assumir a homossexualidade no futebol

³ Marcas e plataformas: Placar. Disponível em: <<http://publiabril.abril.com.br/marcas/placar/plataformas/revista-impressa>>. Acesso em 1º abr. 2019.

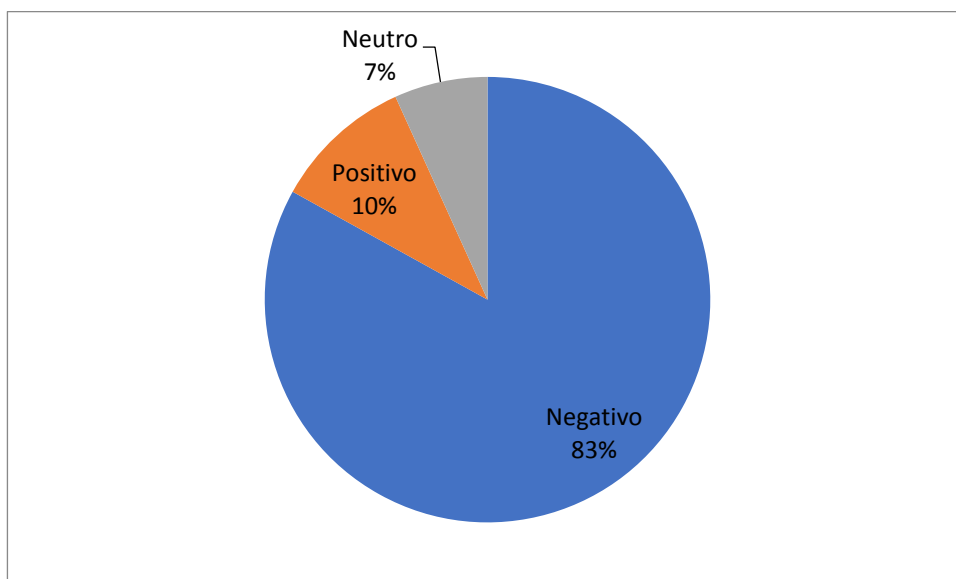
ou de apoio ao meio de comunicação por abordar tal tema. Já os comentários com aspectos negativos se referem àqueles destinados a ofender os atletas homossexuais ou utilizar a homossexualidade como pretexto para atacar torcedores adversários.

HOMOFOBIA NOS COMENTÁRIOS

Dos 59 comentários postados no Facebook, 55 foram feitos por homens e apenas quatro por mulheres, o que corresponde a 93,2% das interações feitas por pessoas do sexo masculino. Desse total, apenas cinco comentários continham algum aspecto positivo em relação à iniciativa dos personagens das matérias e sobre o questionamento em relação à homofobia presente nas torcidas brasileiras. Já entre as mulheres, apenas um teve aspecto positivo ao questionar as perseguições de torcedores aos personagens das matérias.

Apesar da intenção da Placar em colocar o tema da homofobia em discussão, a grande maioria dos comentários usou o tema para promover ofensas contra torcedores e atletas adversários, além dos personagens das próprias notícias. A maioria das manifestações (49 comentários – 83%) apresentaram aspectos negativos em relação à homossexualidade ou aos critérios de noticiabilidade adotados pelos veículos de comunicação, como aponta o gráfico 1.

Gráfico1 – reações positivas e negativas em relação às matérias da revista Placar

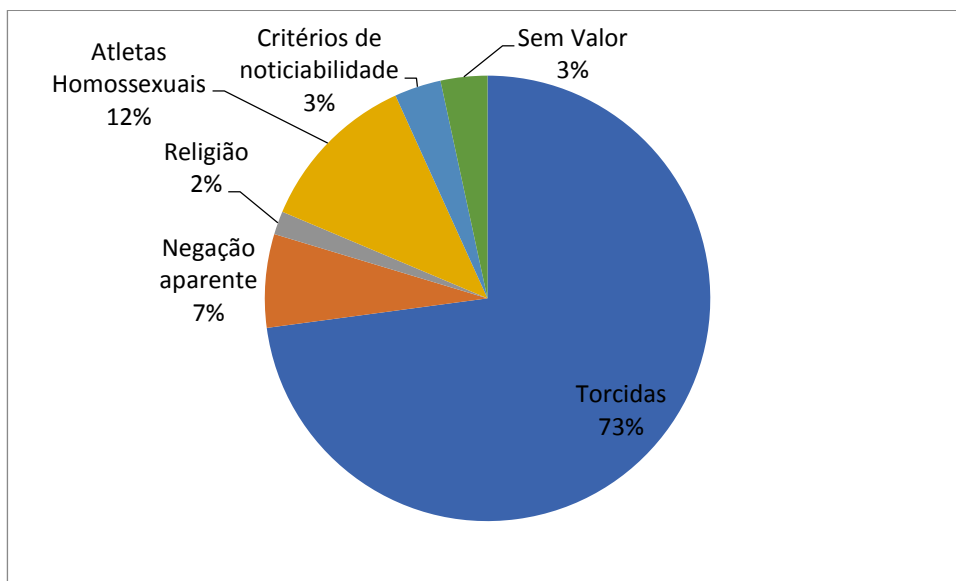


Fonte: pesquisa do autor (2019)

Apenas seis comentários (10%) apresentaram defesa e apoio aos personagens das matérias e concordaram com os critérios de noticiabilidade utilizados pelo veículo de comunicação. Já em quatro comentários não foi possível identificar se se tratava de um comentário positivo ou negativo, já que foram utilizados apenas *emojis* ou sinais de risos que não deixaram claros se a intenção era responder ao *post* ou criticar algum comentário da publicação.

Em relação às categorias, a maioria ainda destaca que os internautas que publicaram na rede social aproveitaram que o veículo de comunicação colocou o tema em discussão para ofender os adversários. Também teve destaque os comentários que foram usados para injuriar os próprios personagens das matérias (tanto Robbie Rogers, quanto os atletas que participaram da LiGay).

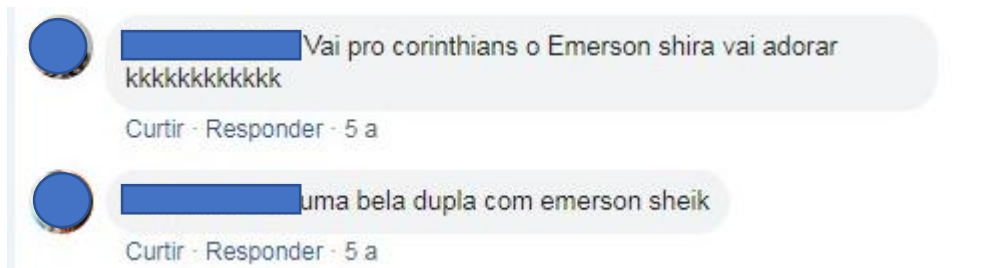
Gráfico 2 – Categorias de comentários nas publicações da revista Placar sobre homossexualidade masculina no futebol



Fonte: pesquisa do autor (2019)

Ainda em relação às torcidas, os internautas lembraram situações que demonstravam homoafetividade envolvendo atletas adversários, mesmo que estes nunca afirmaram ser homossexuais. Foi o caso ocorrido em 2013 com o ex-atacante Emerson Sheik, que acabou publicando no Instagram um selinho dado em seu amigo e chef de cozinha Isaac Azar.

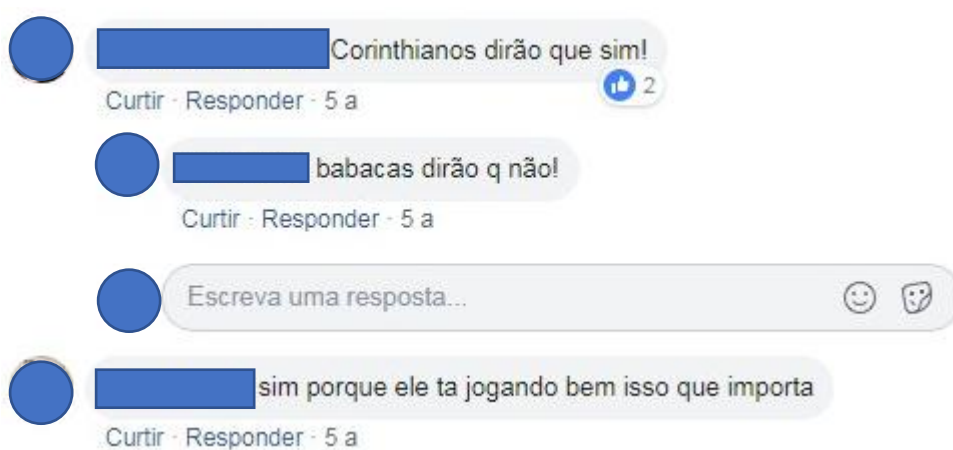
Imagem 1 – Comentários homofóbicos destinados a jogadores e adeptos de times adversários



Fonte: Facebook (2019)

Outra categoria que também teve destaque foi sobre as críticas e o apoio aos próprios atletas homossexuais. Dos sete comentários (12%), apenas um questionava o fato de os jogadores disputarem partidas de futebol, enquanto que os demais demonstravam que aceitaram a participação de homossexuais no futebol.

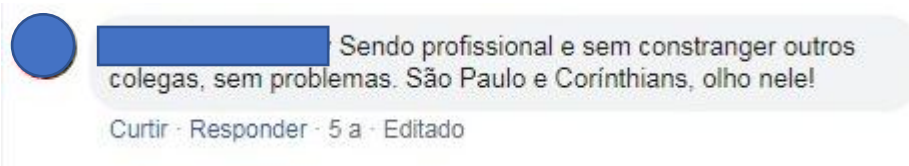
Imagem 2 – Comentários homofóbicos contra os atletas



Fonte: Facebook (2019)

Para a terceira categoria, pegamos emprestado um instrumento analítico de Van Dijk (2015), a negação aparente, que se baseia na tentativa de um emissor em apresentar aspectos positivos sobre a própria personalidade, mas, na sequência, emendar um discurso homofóbico. Apenas cinco comentários (7%) compuseram essa categoria de análise.

Imagem 3 – Comentários com negação aparente



Fonte: Facebook (2019)

No exemplo acima, apesar de em um primeiro momento o internauta esboçar um comentário que se parecia admitir a presença de homossexuais no futebol, a sequência mostra críticas com o intuito de difamar os clubes adversários, especificamente Corinthians e São Paulo.

Os critérios de noticiabilidade utilizados pela Placar também foram questionados em duas ocasiões (3%). Em ambas as ocasiões os internautas questionam o motivo pelo qual a revista aborda o tema da homossexualidade em uma insinuação de que o assunto não seria tão relevante para o futebol.

Imagem 4 – Comentários com negação aparente



Fonte: Facebook (2019)

Por fim, a categoria que aborda a manifestação religiosa nos comentários apareceu uma única vez (2%) durante a análise. Na frase, expressa por uma mulher que afirma “Meu Deus, liberta”, demonstra a visão preconceituosa de que a homossexualidade seja um pecado a ser combatido, o que ressalta ainda mais a visão dicotômica no futebol.

Imagem 4 – Comentários com negação aparente



Fonte: Facebook (2019)

Não foi possível a classificação de apenas dois comentários analisados por se tratarem de frases que apresentavam algum tipo de dúvida em relação à construção da notícia (não se enquadrando no aspecto dos critérios de noticiabilidade, mas de construção de frases para a interpretação da notícia) ou afirmações que não permitiam identificar a ligação com os demais comentários ou com o próprio post.

CONCLUSÃO: PERSEGUIÇÃO E HOMOFOBIA

Como sequência de um trabalho que busca compreender o fenômeno da homofobia no futebol brasileiro, este artigo foi inspirado em um estudo local que demonstrou que mais de 75% dos comentários em uma publicação no Facebook demonstravam aspectos negativos contra homossexuais e o veículo de comunicação. Essa percepção também foi indicada em aspecto nacional com esta pesquisa, sendo que 83% dos comentários em postagens que abordavam a homossexualidade masculina no futebol apresentavam ofensas aos clubes rivais e aos personagens da notícia, além de críticas sobre a escolha do tema pela própria revista Placar.

Apesar de as redes sociais não serem um espelho que demonstre um reflexo perfeito sobre as opiniões e perspectivas de toda a sociedade, os comentários na página do Facebook da principal revista esportiva do Brasil demonstra que uma parte considerável dos torcedores ainda não aceita a homossexualidade no futebol. Mais do que isso, usa a orientação sexual para indicar os comportamentos aceitos pelos grupos de poder e recusar a existência de grupos considerados inferiores no futebol.

O pouco conteúdo publicado pela revista desde a abertura da conta no Facebook também chamou a atenção. Apenas três publicações compreendidas entre 2013 e 2017, sendo que uma perguntava se os torcedores aceitariam atletas homossexuais no elenco, o que é visto negativamente pela maioria. Ainda que tímida a iniciativa da revista, ela permite que diferentes opiniões que não coadunem com a do grupo heteronormativo masculino no futebol também sejam expressas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. Jornalismo Cidadão. **Revista Estudos Históricos**, v. 1, n. 31, p. 25-40, 2003.

ALMEIDA, Marco Bettine; SOARES, Alessandro da Silva. O futebol no banco dos réus: caso da homofobia. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, jan/mar. 2012, p. 301-321.

ARAÚJO, Júlia Silveira de. —Engole o choro e vai pra cima!: masculinidade e repercussão midiática da atuação brasileira na Copa do Mundo de 2014. **Estudo em Jornalismo e Mídia**, v. 12, n. 1, Jan-Jun 2015.

ARCHETTI, Eduardo P. **Masculinidades**: fútbol, tango y polo en la Argentina. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, Gênero, Masculinidade e Homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**. Ano XIV, N. 29, 2013. P. 246 – 270.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1977.

BORILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUENO, Wilson da costa. Chutando Pra Fora: os equívocos do jornalismo esportivo brasileiro. In: CAMARGO, Vera Regina; CARVALHO, Sérgio; MARQUES, José Carlos. **Comunicação e esporte – Tendências**. Santa Maria: Palotti, 2005.

COELHO, Juliana Affonso Gomes. Voleibol: um espaço híbrido de sociabilidade esportiva. In: TOLEDO, Luiz Henrique de; COSTA, Carlos Eduardo. **Visão de Jogo**: antropologia das práticas esportivas. 1 ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e Poder**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KIMMEL, Michael S. A Produção Simultânea de Masculinidades Hegemônicas e Subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.

LEMES, Luiz Fernando Rodrigues; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. Homofobia e heteronormatividade masculina no futebol: comentários na página d'O Popular no Facebook sobre time homossexual. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2018. Joinville. **Anais Eletrônico do 17º Intercom**. 2018. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/trabalhos.htm>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

MEDEIROS, Magno. Cidadania, direitos humanos e jornalismo: percalços históricos e violência institucionalizada. In: MORAES, Ângela; SIGNATES, Luiz (ORG). **Cidadania comunicacional**: teoria, epistemologia e pesquisa. Goiânia: Gráfica UFG, 2016.